

## REFLEXÕES DE QUEM GOSTA DE ENSINAR HISTÓRIA

MARCIA PEREIRA DOS SANTOS<sup>1</sup>, IONE DE LOURDES COSTA VAZ<sup>2</sup>.

1. Professora Doutora UAE de História e Ciências Sociais – UFG, Regional Catalão e Coordenadora do PIBID/História da UFG, Regional Catalão  
E-mails: [marciasantoss@gmail.com](mailto:marciasantoss@gmail.com)
2. Professora do Colégio Estadual Maria das Dores Campos e supervisora do PIBID/História da UFG, Regional Catalão. E-mails: [yonevaz22@gmail.com](mailto:yonevaz22@gmail.com)

Recebido em: 28/11/2014 – Aprovado em: 16/01/2015 – Publicado em: 31/01/2015

### RESUMO

Este artigo é fruto de discussões e reflexões sobre a experiência que vivenciamos, no período de 2011 a 2013, de, respectivamente, coordenar e supervisionar o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da disciplina História, na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, tendo como escola parceira o Colégio Estadual Maria das Dores Campos. Exporemos, neste artigo, como nosso trabalho tem provocado novas formas de ver a sala de aula e os sujeitos que ali estão em processo de ensino aprendizagem da História. Tomamos, para tanto, os projetos educacionais, as oficinas de ensino e outros trabalhos desenvolvidos pelo grupo PIBID/História, como objetos de nossa reflexão, entendendo que o pensar sobre a experiência é tão importante quanto a mesma, se nos dispomos a formar futuros professores e professoras de História. Dessa forma, apontamos neste artigo as percepções e conclusões a que chegamos ao longo de três anos de trabalho com o PIBID, especialmente sob a filosofia de Edgar Morin.

**PALAVRAS-CHAVE:** PIBID, Ensino de História, Experiência, História Cultural

### REFLECTIONS OF HISTORY WHO TEACH LIKE

#### ABSTRACT

This paper is the result of both discussions and reflections about the experience that we shared, between 2011 and 2013, at the function of coordination and supervisor in the Program of Exchange to Teaching Initiation - PIBID, in history teaching, at Federal University of Goiás - Regional Catalão, having as school partner the State School Maria das Dores Campos. In this paper, we will expose how our work has stimulated new ways of seeing a classroom and the subjects that are in the processing of learning of how to teach history. To accomplish this, we used tools like the educational projects, workshops and others educational activities developed by the group PIBID/History, as our objects of reflection, understanding that thinking about the experience is so important as to experiment it, if we propose to train future teachers of history. Therefore, in this paper we showed the perceptions and conclusions that we reach after three years of work within PIBID, specially under the philosophy of Edgar Morin.

**KEYWORDS:** PIBID, History Teaching, Experience, Cultural History

## **INTRODUÇÃO**

A experiência de formar professores é uma tarefa que nos coloca diante de inúmeros desafios. Primeiramente, é preciso levar em conta as condições acadêmicas dessa formação, seja no que concerne à estrutura dos espaços de formação – universidades e espaços de experimentação como escolas – e a formação teórico metodológicas possíveis; seja a própria condição profissional do professor no Brasil. Esses temas, tão caros às reflexões dos especialistas, aparecem-nos como realidades cotidianas no desenvolver do PIBID, isso porque são esses os enfrentamentos que vivemos ao liderar um grupo de bolsistas que entraram no programa com o desejo de se formarem da melhor maneira possível como professores de história.

Dessa forma, é preciso tomar as experiências vivenciadas no PIBID/História como pontos de partida para reflexões que nos levem a problematizar a formação dos professores de História e sua futura inserção na profissão, pois tais experiências, uma vez sistematizadas, poderão auxiliar outros formadores e formadoras de docentes na sua luta cotidiana por um ensino de História de mais qualidade, haja vista termos também em nosso horizonte de discussão a tão propalada ineficiência do ensino de História em sua vocação para a formação de estudantes críticos e reflexivos que aprendam a problematizar\discutir a realidade para agir sobre a mesma.

## **OS PONTOS DE PARTIDA**

Quando elaboramos nosso projeto de participação no PIBID/História, ainda em 2011, nossa expectativa era atender à necessidade de ensinar História, tendo como pressuposto a ideia da educação para a vida. Essa perspectiva nascia de nossas próprias experiências como professoras, mas também como pesquisadoras de História que vinham, ao longo de suas formações, enfrentando problemas de diversificadas matrizes. Na universidade, vivíamos a expansão da oferta de vagas e programas que visavam, sobretudo, a melhorar a formação profissional dos estudantes, mas que não resolviam muitos de nossos dilemas, já que os planos e programas governamentais atendiam pouco aos licenciandos.

Assim, foi muito bom entrar para o PIBID, vez que o mesmo era visto inicialmente como programa fomentador de áreas estratégicas, como as ciências exatas, não atingindo as ciências humanas. O que percebemos foi que o êxito do programa nos seus primeiros anos alavancou a ampliação do mesmo, fazendo com que a formação do professor de História fosse incluída e passamos, assim, a nos ocuparmos de uma maneira mais pontual na preparação dos licenciandos e licenciandas para sua futura atuação.

Nas escolas, por seu turno, vivia-se a necessidade de melhorar o ensino, atendendo e alcançando as metas da educação no país expressas, grosso modo, pela necessidade de atingir médias maiores no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – o que implicaria em investimentos e melhorias no ensino. Daí, a adesão das escolas ao PIBID marca também um esforço em melhorar a educação básica, trazendo para suas experiências de ensino e aprendizagem a experiência da universidade, não só pelo diálogo com os bolsistas, mas também com os professores coordenadores e suas reflexões.

Ou seja, tínhamos uma situação em que universidade e escola estavam prontas para enfrentar seus problemas próprios, mas também suas possibilidades de interlocução, diálogos e trocas e foi nesse sentido que elaboramos nosso projeto de PIBID/História.

Este projeto estabeleceu como seus objetivos principais contribuir para a formação dos graduandos em História, de forma a ampliar as noções de professor e pesquisador em história e contribuir com a escola e com o professor de história, supervisor do projeto, auxiliando no repensar do ensino de história, métodos, práticas e materiais didáticos. Por si só esses objetivos já explicitavam qual era foco central do projeto, qual seja, um ensino pensado como espaço de intervenção.

A partir do que expomos, desenvolvemos nossas atividades tendo como aporte teórico metodológico as discussões e propostas de uma interpretação da história pela cultura, tal como a mesma vem sendo proposta por autores como ROGER CHARTIER (1988), CARLO GINZBURG (1987) e SANDRA J. PESAVENTO (2008). Desenvolvemos, pois, nosso trabalho assumindo que a História que se ocupa das vivências e experiências cotidianas dos homens e mulheres é a que melhor nos ajuda a atingir nossos objetivos. Temos claro que essa concepção de história depende de enfrentamentos diversos, pois nos coloca em confronto com as práticas de cultura da sociedade no geral e da escola em particular, o que nos convida a sempre pensar a cultura como construto que a todo momento vai assumindo feições variadas e com suas demandas nos ajudam a pensar o passado, suas permanências ou ausências no presente e, mesmo, sua importância para pensarmos no futuro.

Nesse sentido, elaboramos nossas ações - em especial as Oficinas de Ensino de História - dentro de uma perspectiva de abordagem cultural da História. Propomos trabalhos que tematizaram a História Regional de Goiás, tomando por exemplo a música, a poesia e a fotografia como documentos históricos que permitiram aos estudantes compreender a história a partir de como a mesma foi exposta na arte do lugar. Isso levou a novas leituras sobre a História de Goiás e sua relação com a História do país, que é a História que os alunos mais acessam via livro didático. Muitas dessas oficinas foram, ainda, espaço de experimentar algo que no ensino de História é pouco utilizado: as aulas práticas. Isso se deu no projeto História do Carnaval, no qual não apenas problematizamos a historicidade da festa, como ainda, propusemos aos alunos oficinas de confecção de máscaras carnavalescas e a realização de um recreio festivo nos moldes de uma matinê carnavalesca. Ainda tomando os bens de cultura como nossos objetos de trabalho, utilizamos o cinema como nosso meio de trabalhar temas da História, isso se dando em dois momentos especiais com os filmes *O tempero da Vida* (2005) - para discutir a História do Cotidiano abordando a temática na importância da alimentação e da culinária na história. Também, utilizamos o filme *Chocolate* (2000), como ponto de partida para desenvolver o projeto que problematizou a páscoa, o uso do chocolate em nossa sociedade desde os Astecas, a indústria atual e suas propagandas para ampliar o consumo do produto. Nesses dois momentos, os alunos puderam visualizar o cinema como meio de representar a vida e os costumes de homens e mulheres em diferentes sociedades.

O que percebemos foi que ao relacionar a história com a sua própria vida os estudantes se interessam mais pela História e, mesmo diante de algo que parecem não gostar, descobrem novas motivações, o que foi visto, por exemplo, nas oficinas sobre livro e leitura que se deram em conjunto com a Biblioteca da UFG/Regional Catalão. Ainda que a princípio a maioria dos estudantes da escola afirmassem não gostar de ler, eles se envolveram muito na oficina. Posteriormente, após assistirem a uma exposição oral sobre a História do Livro, da Leitura e das Bibliotecas, ministradas pelos pibidianos, participaram de uma visita guiada à Biblioteca,

podendo, assim, conhecer melhor o trabalho dos bibliotecários, o acervo do lugar e os trabalhos que ali são realizados, compreendendo melhor como a produção de livros mudou as formas de o mundo se relacionar com o conhecimentos.

Nos limites deste artigo não temos como apresentar todo o rol de trabalhos realizados, porém cremos ter sido acertada nossa decisão de trabalhar com projetos que tinham a cultura como objeto e a história cultural como nosso referencial teórico metodológico.

Nesse processo, ao longo dos três anos de trabalho, atingimos, na escola, uma média de 200 alunos e alunas por ano e formamos 10 bolsistas, ampliando, assim, o alcance da história na vida de estudantes do ensino fundamental e atingindo o objetivo de contribuir na formação dos futuros professores de história.

### **A REFLEXÃO NECESSÁRIA**

O que esses números significam no contexto da educação em Catalão, na educação brasileira, na educação para o mundo?

Significa que tais pessoas, “homens humanos”, no dizer de Guimarães Rosa, se sensibilizaram justamente pelo humano, por homens e mulheres, por suas infâncias, por seus passados, por seus espaços, por sentimentos e, por fim, por suas atuações em sociedade. Nesse impulso, a escola, a cultura escolar é, em nosso mundo hoje, o grande ambiente da formação humana. Então, essa escola não pode ser reduzida a apenas um “lugar que doa conhecimento”, mas precisa ser pensada como lugar de saberes, pois ali estão sujeitos diversos, que carregam consigo histórias e memórias diversas, em busca, sim, de um certo conhecimento historicamente produzido, porém em busca, principalmente da compreensão do que significam esses saberes em sua vida.

Gostaríamos, então, de lembrar aqui, um livro muito instigante de Edgar Morin, esse “Multi – pensador” francês, marcado pela experiência da 2ª Guerra e pelo engajamento na Resistência Francesa, mas marcado, principalmente, pela compreensão do homem como sujeito complexo, que está, durante toda sua vida, travando os mais diversos enfrentamentos e, por isso mesmo, sua educação, seu contato com o conhecimento, não pode ser limitado, mas antes, tem que prepará-lo para a vida. Falamos aqui do livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro” (2000), que não é um manual de como se ensinar nos séculos que virão, mas sim, uma provocação de como se pensar o ensino e os papéis que educadores e educadoras tem e terão em um mundo, ou em uma humanidade, cada vez mais complexa.

Para MORIN (2000) é preciso, primeiramente, ao educador combater (1) a cegueira que os faz achar que o que já temos produzido são verdades absolutas, pois isso muitas vezes significou o erro e a ilusão de que controlando o conhecimento controlava-se a sociedade. Por isso, (2) para o autor, o conhecimento precisa ser pertinente e, para tanto, precisa estar atento aos problemas que verdadeiramente assolam o mundo. Dessa forma, um conhecimento fragmentado, sem vínculos com as vivências reais das pessoas jamais dará conta de tornar a vida em sociedade melhor, ou seja, nas palavras de MORIN, (2000, p.14) “[...] É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.”

A reflexão de MORIN (2000) leva, pois, à percepção de que o grande objetivo da educação, especialmente do ensino de História, é (3) ensinar a condição humana, isto é, se atentar para as aflições e possibilidades que rondam os grupos humanos em seus enfrentamentos, o que nos indica uma atitude trans ou

multidisciplinar, pois todo o conhecimento ou saber produzido pelas ciências humanas, pelas ciências da natureza, na literatura e nas artes são de interesse da humanidade como um todo. Vistos de forma separada ou contraditória, esses conhecimentos não são libertadores, mas antes cooperam com a exploração, com a desumanização e reificação de homens e mulheres. Nesse caso, segundo MORIN (2000), devemos lutar por uma (4) identidade terrena de homens e mulheres que estão na terra nas mesmas condições, estão enquanto espécie, como diria HANNAH ARENDT (2009) individualmente condenados à morte, mas ao mesmo tempo, coletivamente, garantindo sua eternidade; e enquanto pessoas, estariam aqui como sujeitos históricos que também criaram os modos de exploração e dominação e as respectivas lutas contra essas condições. A educação do futuro é, nesse caso, uma educação para a vida e para a luta política.

Se assim o é, a educação, então, precisa enfrentar os desafios (5) as incertezas, pois são essas que geram as perguntas. Talvez aqui se encontre a grande contradição do ensino hoje: agarra-se às suas verdades, às suas lógicas e às suas certezas, esquecendo-se de que o conhecimento é descoberto, é pergunta, é desafio, é, diríamos, também submeter-se ao ridículo, pois é aventurar-se pelo desconhecido pela pergunta e não pela resposta. Quando se atem à resposta, atem-se à tranquilidade, à estabilidade e à calma, mas bem sabemos que a vida é de incerteza, do inesperado, do inusitado e do conflito.

Logo, nosso desafio como educadores e educadoras que formam outros educadores e educadoras é, também para MORIN (2000), (6) ensinar a compreensão, pois esta é, segundo o autor, a um só tempo, meio e fim da comunicação humana.

Mas de que compreensão se trata? Trata-se, acreditamos, daquela compreensão defendida também por HANNAH ARENDT (2008), como conhecimento, como desvelamento, nunca como perdão ao imperdoável. Muitas vezes é preciso conhecer a perversidade, a maldade, entender seus mecanismos e meandros para combatê-la, para lutar contra ela. Isso impõe um caminho direto ao que MORIN (2000), chamou (7) de ética do gênero humano, ou seja, a educação do futuro tem que se ocupar das vivências humanas em conjunto, não pode querer ensinar uma ética moralista, mas antes, viver uma ética humana que coloca em relação, homens e mulheres sabedores do significado de sua vida e da vida do outro, o que para MORIN (2000) produziria uma nova dimensão da vida em sociedade, a ideia de comunidade planetária, uma na sua diversidade, mas consciente de sua responsabilidade para com a paz, o bem estar e a vida boa.

Isso tudo nos conduziu a perguntar: por que em um mundo cheio de contradição e mesmo sabendo de todos os desafios escolhemos nos tornar professoras que formam outros professores através da História? Muitos dirão que é algo ditado pela emoção, mas não acreditamos nisso, já que também nossas emoções desejam a estabilidade, paz e segurança, algo que nossas salas de aula, tal como estão construídas hoje, não nos permitem. Outros dirão que é porque não tínhamos nada mais a fazer, mas pergunto será que não? Se olharmos bem, cada professor ou professora tem muitos talentos e sua carreira não foi o que lhes restou, mas sim o que escolheram.

Portanto, defendemos que muitos de nós escolheram ser professor e professora por essa crença imortal na humanidade, na percepção de que não nos satisfazemos com o mundo que temos e queremos mudá-lo e, por isso mesmo, transformamos nossas salas de aula em espaço de atuação política, pois é ali, mudando, ou tentando mudar, cada estudante que acessamos, que nos colocamos

nesse mundo complexo do qual tratou MORIN (2000).

Nossas reflexões podem parecer um tanto utópicas, mas é a utopia de um mundo melhor que nos coloca em sala de aula, que nos coloca em projetos como o PIBID. Não nos enganamos pois sabemos que trabalhamos mais, que criamos mais expectativa na vida de nossos graduandos, futuros professores e professoras, e na própria cultura escolar a que acessamos, mas isso também garante pensar que estamos cumprindo o nosso papel de educadores e educadoras, qual seja, educar homens e mulheres para o futuro em todas as suas dimensões: pedagógicas, históricas, geográficas, políticas e psicológicas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com tudo o que dissemos até aqui, nossa principal conclusão é que o PIBID/História modificou nossa condição de profissionais que ajudam e formam outros profissionais. Isso porque tomamos a consciência que mais do que ensinar, a formação de professores e professoras exige um grau de experimentação, de partilha de vivências, de diálogo com os outros e com os seus modos de ver o mundo e estar no mundo.

Em um tempo de desafios diversos para o ensino, especialmente para as ciências humanas como um todo e para a história em particular, vivemos a possibilidade, com o PIBID/História, de permitir aos bolsistas a vivência da cultura escolar e a contínua reflexão sobre a mesma. Essa prática reflexiva nos informa nos debates, discussões, projetos desenvolvidos e ações realizadas que programas como o PIBID precisam ser defendidos e tomados como meio e forma de transformação da realidade educacional e, mesmo, social.

### **REFERÊNCIAS**

ARENDT, H. **A Condição Humana**. 10<sup>a</sup> ed. Tradução: Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ARENDT, H. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo – ensaios. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

CHARTIER, R. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand do Brasil, 1988

GINZBURG, C. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. José Paulo Paes. São paulo: Cia das Letras, 1987.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.